

ESCOLA NEOLIBERAL: ENTRE A GOVERNAMENTALIDADE DEMOCRÁTICA E O CULTO À PULSÃO DE MORTE

Laura Santiago Lelis Gallo¹

¹ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências, Câmpus de Marília. E-mail: laura.santiago@unesp.br

Linha de Pesquisa/Eixo Temático: Filosofia e História da Educação no Brasil

Palavras-chave: escola democrática; governamentalidade neoliberal; biopolítica; tanatopolítica; pulsão de morte.

INTRODUÇÃO

O presente resumo expandido tem por objetivo apresentar, no âmbito do V Encontro Internacional do PPGE, cuja temática central é “O Compromisso Social da Pós-Graduação Pública: Da Democratização do Acesso à Humanização da Permanência”, a pesquisa intitulada “Escola neoliberal: entre a governamentalidade democrática e o culto à pulsão de morte”, inscrita na linha de pesquisa “Filosofia e História da Educação no Brasil” do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências, Câmpus de Marília. A pesquisa parte da constatação, de inspiração foucaultiana, de que a política constitui-se como continuação da guerra travada na disputa pelo poder, disputa forjada pela biopolítica e que encontra, no neoliberalismo, terreno fértil para o controle e a captura das subjetividades. Interroga-se de que modo a educação escolar tem sido instrumentalizada para assegurar a inclusão de todos os corpos em um processo disciplinar voltado à obediência ao *ethos* democrático neoliberal dominante, nutrindo uma política de domínio sobre a vida e a morte dos corpos que habitam na sociedade. Ao dialogar com o eixo temático do evento, o trabalho problematiza até que ponto a democratização do acesso, quando capturada pela racionalidade neoliberal, corresponde à humanização da permanência, ou se converte em novo dispositivo de sofrimento. Objetiva-se analisar o culto à pulsão de morte da educação escolar, por meio do estudo da escola democrática como instrumento de uma biopolítica e de uma tanatopolítica regidas pela governamentalidade neoliberal. Como objetivo específico, investiga-se o sofrimento vivenciado pelos atores escolares como resultado de práticas micropolíticas que reforçam esse culto.

METODOLOGIA

Metodologicamente, a pesquisa desenvolve-se por reflexão qualitativa no campo da Filosofia da Educação, adotando estilo ensaístico e procedimento parcialmente genealógico, de modo a investigar as proveniências e contingências históricas que associaram a escola democrática a um culto à pulsão de morte no neoliberalismo. Esse percurso busca revelar as redes de poder que moldam as subjetividades escolares, sustentando a hipótese de que a educação democrática neoliberal produz dor e sofrimento entre seus atores, ainda travestida do discurso da democratização do acesso.

ANÁLISE FINAL DOS RESULTADOS OBTIDOS

O quadro conceitual mobilizado articula as noções foucaultianas de biopolítica e de governamentalidade neoliberal, cuja finalidade é a gestão da vida da população mediante a subjetivação de um sujeito *homo oeconomicus* (FOUCAULT, 2022). Soma-se a análise de Christian Laval (2019) sobre a escola neoliberal, em sua dupla dimensão utilitarista e liberal, na qual o saber é reduzido a recurso privado e a instituição escolar, à prestadora de serviços regida pela lógica de mercado. Recorre-se à interpretação de Frédéric Gros (2018) sobre a “inversão da monstruosidade”, segundo a qual não é mais o corpo desobediente, mas o corpo super obediente, o monstro da segunda modernidade. Para a dimensão letal desse processo, adota-se o conceito de tanatopolítica, de Roberto Esposito (2010), que designa a subjugação da vida qualificada, bíos, ao poder de morte, reduzindo a existência à mera sobrevivência, zoé. Por fim, recorre-se a Suely Rolnik (2019) e à noção de “cafetinagem”, processo pelo qual o capital se apropria da potência de criação e cooperação dos corpos, canalizando a pulsão vital em favor da manutenção do regime.

A partir desse arcabouço, a pesquisa demonstra que a democracia, nos Estados neoliberais contemporâneos, converteu-se em estratégia da governamentalidade neoliberal, operando simultaneamente como meio e como fim do poder. A escola democrática apresenta-se como instituição privilegiada dessa regência biopolítica, ao assegurar a inclusão de todos a um processo disciplinar reduzido, essencialmente, a ensinar a obedecer. Nas palavras de Gros

(2018, p. 30), “a obediência cega prepara o futuro sujeito político para a aceitação das leis com as quais ele não concordaria. Educa-o para a resignação política”.

A investigação identifica o “leilão da escola democrática neoliberal”, que compreende três movimentos: a pedagogia da autonomia neoliberal, voltada a competências comercializáveis; a soberania do consumidor, que converte famílias em clientes de um mercado no qual, contudo, é a escola quem seleciona; e o supermercado escolar, que expõe a instituição à mercadização de sua própria atividade de ensino (LAVAL, 2019). Esses movimentos convergem para a subjetivação de um *homo oeconomicus*, “empresário de si mesmo, sendo ele próprio seu capital” (FOUCAULT, 2022, p. 303), cuja liberdade aparente mascara uma autoexploração em que o corpo escolar que se torna capital a ser gerido.

No último eixo de análise, apropria-se dos termos psicanalíticos “pulsão de vida” e “pulsão de morte” não em sua conceituação psicanalítica estrita, mas para nomear, em registro foucaultiano, o embate entre forças de resistência e de docilização que atravessa a subjetivação escolar. Argumenta-se que a escola neoliberal não silencia as pulsões vitais que escapam ao *ethos* dominante, mas as interdita, classificando-as como vergonhosas ou inúteis, interdição que alimenta um retorno sintomático sob a forma de sofrimento e violência, tanto sobre os corpos que obedecem quanto sobre os que resistem. Os corpos super obedientes movem-se por um desejo de escravidão, ao passo que os que resistem, movidos por pulsão de vida, são lançados à margem da biopolítica, expostos a uma tanatopolítica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a escola democrática neoliberal vivencia uma monstruosidade própria: cultua o descamar-se de si, a interdição do desejo e a produção de dor entre seus atores, sejam corpos super obedientes que se aniquilam para pertencer ao jogo biopolítico, sejam corpos dissidentes lançados à margem de uma tanatopolítica. Tal conclusão não nega a relevância das políticas de inclusão, mas convoca a crítica sobre os modos pelos quais uma educação “para todos” tem sido capturada pela governamentalidade neoliberal, o que interpela diretamente o debate proposto por este Encontro acerca do compromisso social da pós-graduação pública: defende-se que a democratização do acesso, sem uma correspondente humanização da permanência, corre o risco de reproduzir, sob nova roupagem, a mesma lógica de captura e

sofrimento que pretendia superar. A pesquisa aponta, contudo, horizontes: a possibilidade de uma escola radicalmente democrática, movida por uma bússola ética capaz de reorientar o desejo rumo à criação de novas formas de existência (ROLNIK, 2019), contribuindo ao debate da linha de pesquisa Filosofia e História da Educação no Brasil sobre a formação humana e o lugar do corpo, obediente ou dissidente, na experiência escolar contemporânea.

REFERÊNCIAS

ESPOSITO, Roberto. **Bios: biopolítica e filosofia**. Tradução de M. Freitas da Costa. Lisboa: Edições 70, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2022.

GROS, Frédéric. **Desobedecer**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: n-1 edições, 2019.